

---

O CRUZAMENTO DA INTELLECTUALIDADE  
MINEIRA EM PALAVRAS DESCRUZADAS  
*[Resenha]*

JOSINA NUNES DRUMOND

Pós-doutorado: literatura comparada (UFMG)

Email: jonund2@yahoo.com.br

---

*Palavras descruzadas*, de Carmen Schneider (Opção Livros, 2018) é uma obra de grande relevância no campo da ensaística. A autora rende tributos a grandes nomes da cultura mineira, todos ligados à Academia Mineira de Letras, e registra poeticamente, por meio de um estilo fluido, fatos marcantes da vida de cada um dos notáveis por ela contemplados. Carmen exercita sua crítica com sensibilidade poética, com agudeza de espírito e com grande poder de reflexão: análises, interpretações, estudos, ensaios, resenhas e textos informativos são mesclados de prosa poética. O conjunto de textos publicados nesta obra demonstra a grande erudição da pesquisadora, que se revela uma “fascadora de preciosidades”, expressão usada por ela no ensaio intitulado “A crítica das críticas”.

Seu primeiro ensaio focaliza o virtuosismo de **Alphonsus de Guimaraens**, grande poeta simbolista, “quase despercebido de seus contemporâneos”, mas resgatado uma década após sua morte.

Em seguida, aborda vida e obra do “menino predestinado às artes das Letras maiúsculas”, aquele que propiciou a estrutura física da Academia Mineira de Letras (AML), **Vivaldi Moreira**, presidente perpétuo dessa Academia. Tece também, uma bela abordagem do livro *Cobras e Lagartos*, de autoria do “Menino da Mata”.

Segue-se uma palavra de apreço ao acadêmico **Oíliam José**, secretário perpétuo da AML, que tão bem retratou seus confrades com a “palavra exata, de juízo real”.

Em seguida, homenageia o fundador da Universidade de Itaúna, **Miguel Augusto Gonçalves de Souza**, autor de diversas obras de cunho histórico e memorialístico que, além de atuar em diversas áreas como a política e a jurídica, encontrava tempo para uma profícua atuação intelectual.

Mais pormenores dedicou Carmen, nas dez páginas seguintes, às *Memórias póstumas de Francisco Badaró*, narrativa do acadêmico **Murilo Badaró**, na primeira pessoa, em nome de seu ilustre avô, mesclando anotações deixadas pelo finado com toques de imaginação e com descrição de fatos reais, historicamente comprovados.

O oitavo tópico, intitulado “Yeda, cercada de luz”, aborda a poética de **Yeda Prates Bernis**, no livro *Cercanias*. Segundo Carmen, “nas cercanias de seus sentimentos, a autora armou sebes e cercas para o resguardo de suas verdades”. A ensaísta envereda também pelo livro *Plenitude Poética*, de autoria de Valdivino Pereira Ferreira, que garimpa o lirismo das lavras bernisianas, com análises consistentes que complementam a historiografia da poeta belo-horizontina. Trata-se de um livro, segundo Carmen, que deve ser acompanhado da releitura da obra poética de Yeda Prates Bernis.

A autora de *Palavras cruzadas* mergulha também no humorismo da *Cidade submersa*, de **Olavo Romano**, e se deleita com seus famosos “causos” interioranos.

Em seguida, ela incursiona por sendas bíblicas, por intermédio de **Pedro Rogério Moreira**, garimpeiro de palavras e expressões que provocam alguma surpresa ao leitor do texto sagrado.

Outra incursão é feita pelos *Arquivos literários* da primeira mulher a presidir o “templo” dos imortais mineiros, a renomada promotora cultural **Elizabeth Rennó**, no ensejo da publicação de seu décimo terceiro livro. Tanto Elizabeth quanto Carmen se dedicam “aos cuidados da palavra literária e ao dever da escrituração”, num universo que ainda tem “portas estreitas para o sexo feminino”. No ensaio que se segue, “O tempo faz-se poesia nas quatro estações da poeta”, Carmen aborda com grande maestria, a poética rennoniana.

As vinte e seis páginas seguintes são dedicadas ao crítico literário **Fábio Lucas**. São três estudos sobre obras do mesmo autor, sendo que o primeiro, “Crítica das críticas” se refere ao livro *O poliedro da*

*crítica*; o segundo é intitulado “O real e o imaginário em o zelador do céu”, e o terceiro, “Peregrinações amazônicas de Fábio Lucas”. Esse último se encerra com uma curta correspondência de Fábio Lucas, destinada à Carmen Schneider, na qual ele diz o seguinte:

[...] Fiquei encantado com a cuidadosa leitura que você fez exercendo, simultaneamente, o poder de análise, a faculdade de associação temática e, em consequência, a capacidade de levar ao leitor uma pertinente visão geral do texto.

O estudo seguinte se refere à participação do escritor, jornalista e historiador, o grande intelectual **Ângelo Oswaldo**, na coleção *BH: cidade de cada um*, com a obra *Praça sete*, lançada em 2004, na qual ele focaliza as lembranças não só do aspecto físico, mas também dos sabores, das cores e dos sons de sua terra natal.”

O décimo quinto° texto, intitulado “O homem: corpo e espírito Afonso Arinos”, se inicia com a distinção dos três homônimos **Afonso Arinos de Melo Franco**. O 1° nascido em Paracatu, o 2°, sobrinho do 1°, nascido em BH, e o terceiro, filho do segundo. Segue uma resenha contendo os dados biográficos e bibliográficos do 2° Afonso Arinos, notável estadista, escritor, poeta e historiador. Tanto ele quanto Guimarães Rosa concorreram à cadeira de José Lins do Rego, na ABL. Nesse pleito, Afonso Arinos foi vitorioso. Algum tempo depois, foi convidado por Guimarães Rosa para recepcioná-lo em sua cerimônia de posse da mesma Academia. Carmen faz inúmeras citações de excertos do primoroso discurso de recepção, no qual Arinos enaltece a tessitura literária de Guimarães Rosa, o mago da palavra, aquele que, segundo ele, despertou “as inusitadas palavras que dormiam no mundo das possibilidades imaturas”.

No estudo seguinte, Carmen focaliza a professora, ensaísta, tradutora e poeta de Lambari, *Henriqueta Lisboa*, “que nasceu predestinada às letras, para quem o quinto elemento da vida era a poesia”. Em 1936, HL inicia, no livro *Velário*, sua mudança da posição tradicionalista para a moderna, integrando-se ao movimento da geração de 30. A seu ver, o poeta tem uma intuição inata, “uma faculdade de pressentir, prever e captar fatos além da realidade imediata”. HL, a primeira mulher para quem a AML abriu suas portas, como membro efetivo, tem uma vasta fortuna crítica, citada no ensaio de Carmen Schneider. Quando aquela “atravessa a barreira do tempo”, esta pu-

blica no jornal *O Estado de Minas*, um poema de 45 versos, em sua homenagem, intitulado “No azul profundo”, ou seja, no infinito, onde Henriqueta “alcança o quarto estágio de seu Prenúncio, para além da pousada do ser”.

À página 117, Carmen faz uma homenagem à genialidade do oftalmologista **Hilton Rocha**, que dedicou sua vida a “fazer chegar a luz aos olhos alheios”, lutando abnegadamente contra as trevas e que, segundo a ensaísta, “estudava olhos enfermos com a visão extraordinária de sua genialidade”.

Depois, focaliza acadêmico e ex-senador **Francelino Pereira**, originário do Norte do País, com atuação política relevante em Minas Gerais, de que foi governador em várias legislaturas. Estimado pelo povo mineiro, tornou-se um dos mais ilustres homens públicos da política local.

É chegada a vez de **Alaíde Lisboa de Oliveira**, a dama das letras, uma grande educadora, a quem Carmen rende também suas homenagens. Pedagoga, com diversas especializações e Doutorado em Didática, foi pioneira no campo educacional mineiro. Foi a primeira mulher a exercer a vereança, na Câmara Municipal de Belo Horizonte, e atuou também como jornalista, durante quinze anos, em *O Diário*, de MG.

Carmen não poderia deixar de citar os relevantes estudos da lavra de **Rogério Faria Tavares**, muitos deles na área jurídica. Focaliza também seu importante projeto de resgate da história do IHGB, por meio de entrevistas, nas quais, os membros do instituto relatam atos de relevância nacional, por eles presenciados.

Na opinião de Carmen, as obras poéticas da escritora, crítica, ensaísta e conferencista **Lacyr Schettino** “perfazem um mural de relíquias”. Como sucessora de Henriqueta Lisboa na AML, Lacyr esbanjou sensibilidade e talento na sonoridade dos versos, na delicadeza formal e na diversidade temática.

No estudo seguinte, a ensaísta faz uma abordagem semiótica da riqueza sígnica dos vocábulos que compõem o título do livro de **José Afrânio Moreira Duarte**, *Reflexos do espelho*. Nessa obra, há referências a diversos autores, alguns deles da AML, a partir de análises críticas acuradas, nas quais José Afrânio assimila e reflete seus objetos de estudo.

Em “Paulo, um mineiro de boa cepa”, Carmen faz um estudo referente a **Paulo Pinheiro Chagas**, focalizando dois substanciosos volumes memorialísticos: *Teófilo Ottoni, ministro do povo*, contendo a biografia de um grande estadista, e um livro autobiográfico intitulado *Um velho vento da aventura*. Nesse estudo ela lista os grandes nomes da arte biográfica no Brasil e focaliza algumas personalidades públicas que tiveram suas vidas registradas em primorosos livros de valor histórico, político e literário. Ela faz, a seguir, um rol de poetas, escritores e personalidades públicas que tiveram suas vidas estudadas e relatadas em livros de alto valor histórico, político e literário. Continuando o teor biográfico do acadêmico citado, segue-se o texto “raízes”, contendo uma síntese genealógica de Paulo, seguida de um importante momento de seu ensaio que aborda “Teófilo Ottoni, Ministro do Povo”, um dos mais renomados líderes políticos, e também Afrânio de Melo Franco, outra importante personagem na história política do país.

À página 143, ganha voz o trovador **Oswaldo Soares da Cunha** renomado pelo primor de trovas antológicas, tais como: “Amigos, são todos eles / Como aves de arribação: / Se faz bom tempo, eles vêm... / Se faz mau tempo, eles vão...” (do livro *Mínima*, p. 81) Apesar de circular por outras modalidades poéticas. Segundo Carmen, as lides profissionais, políticas, não o afastaram da prazerosa arte de poetar.

O memorialista **José Bento Teixeira de Salles** tem também seu espaço assegurado nesse livro. Com quase nove décadas bem vividas, angustiado com o escoamento do tempo, ele percebe que a máquina (seu próprio corpo) começa a se desmantelar e que “tudo é nada, diante da infinitude”.

Antes de concluir a seleção de textos para essa publicação, a autora dá, “en passant”, uma vista d’olhos pela *Saga da família Klabin Lafer*, de **Ronaldo Costa Couto**, e pela “Palavras à antiga musa”, de **Jacyntho Lins Brandão**, com apenas três curtos parágrafos dedicados a cada um.

*Palavras Descruzadas* expõe o rico currículo da autora escritora e poeta de grande envergadura, brilhante ensaísta, que enveredou com muita maestria pelas sendas da crítica literária.

Encerro essas rápidas considerações com uma citação de Fábio Lucas, “a obra literária é uma estrutura de palavras em silêncio”. A essa citação, Carmen acrescenta: “[...] sedenta de que alguém as faça ativar-

-se, deduzindo-lhes as conotações encobertas; cabe ao crítico despertar-lhes a fala e servir de ressonância estrutural do livro.”

É exatamente isso que Carmen Schneider faz nesse exercício crítico. Deduz conotações encobertas, desperta a fala de seus confrades da Academia Mineira de Letras e dá ressonância aos ecos literários das alterosas.

## REFERÊNCIA

SCHNEIDER, Carmen. *Palavras descruzadas: resenhas, ensaios e Opção livros*, 2018. 176 p. 978-85-8305-074-2